

352

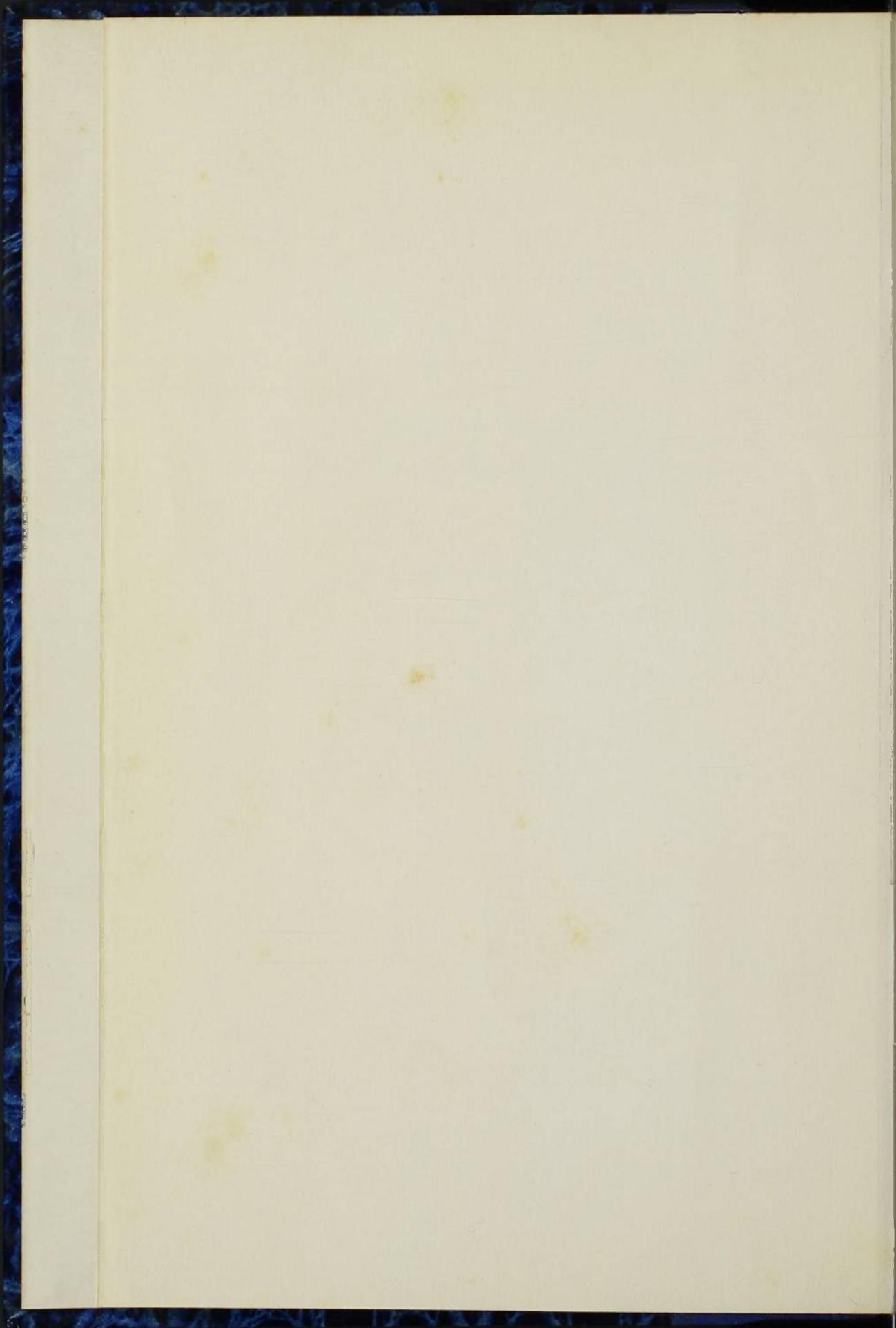
Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

295

Cap 160.00



75.

DRAMA
ALLEGORICO

AO

DIA 7 DE SETEMBRO DE 1831,

PARA SE RECITAR

no Theatro Constitucional Numinense,

COMPOSTO

por Gaspar José de Mattos Pimentel.



RIO DE JANEIRO,

NA TYP. IMPERIAL E CONST. DE E. SEIGNOT-PLANCHER,
RUA D'OUVIDOR, N.º 95.

1831.

BRASIL

ALFREDO

DIA 7 DE SETEMBRO DE 1884

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PROCURADOR GERAL DO ESTADO

CONTRATO

Entre o Sr. Alfredo de Mello e o Sr. ...



ALFREDO DE MELLO

PROCURADOR GERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

1884

1884

SENIHORES,

A composição que vos offereço, ella nada tem de boa, e nem tão pouco desempenha o objecto do Faustoza Dia 7 de Setembro de 1822, e Vós bem sabeis a cauza; olhando-se para o estado actual dos Negocios Politicos, vereis que he perigoso levantar os temporaes de que os Navegantes tanto se assustão; e reviver idéas que não servem senão para a Patria ver balbuciante toda a sua gloria e grandeza: he impolitico.

Quando o Autor escreveu o Elogio, teve em vista a força da Companhia, e por isso deixou de orna-lo com mais figuras; a composição he obra de dous dias, e se olhardes para os nenhuns conheci-

mentos do *Autor*, ella merecerá toda a
desculpa, pois elle só teve em vista satis-
fazer ao vosso peditorio, e no mais pro-
testa ser hum vosso

Attento Venerador

Gaspar José de Mattos Pimentel.

PERSONAGENS.

LIBERDADE G. Angelica da Cunha.
DISCORDIA Luiz Antonio da Silva.
NUME TUTELAR DO BRASIL. João Gaetano.
GENIO DO BRASIL Ricardini, filha.
FURIAS.
NIMPHAS.

A Scena principia em Bosque, e acaba no Templo da Immortalidade.

Muito vence o que se vence:
Muito diz quem não diz tudo:
Porque a hum discreto pertence
A tempos fazer-se mudo.

Camões.

DRAMA

ALLEGORICO

AO

Dia 7 de Setembro de 1831.

SCENA PRIMEIRA:

*Bosque com gruta ao lado, e sahindo d'ella
a Liberdade em ferros.*

LIBERDADE.

MEUS pulsos, que libertos sempre forão,
Hoje arrastão crueis, peza dos ferros
Do nefando Poder, que a Patria opprime. (*)
Possa hum dia espriar nos verdes campos
D'America infeliz nos seus Governos
Hum rizonho porvir seguro, e firme
Onde folgue a razão no mar de glorias!
E devo acreditar tão lindas côres,
Se-me cabe sómente por desgraça,
Desde que Eris pizou nas plagas minhas,
Hum jugo supportar do Averno filho?
Tristes recordações de nada valem!
Mas sejam para mim, grávas sejam
Em perpetua lembrança, impressas fiquem
Para não me esquecer do mal, que soffro
Neste aprece infernal d'horriveis sombras;

(*) Chora.

Sempre coberta na estação dos tempos
 Por cruento rigor, que arrasto a custo. (*)
 Mas que divizo? A Furia se approxima!
 Para aqui s'encaminha, em rizos folga!!!

SCENA SEGUNDA.

*Aparecem na boca da gruta as furias, que ante
 de sahir a Discórdia cantão o seguinte.*

CORO DAS FURIAS.

<i>Discórdia Amada,</i>	<i>Do Averno Brilhe</i>
<i>Porção lethal,</i>	<i>O grão poder,</i>
<i>Em ferros viva</i>	<i>Escravo fique</i>
<i>Nossa Rival.</i>	<i>Brasilio ser.</i>

DISCORDIA.

Nestes climas gentis, dourados climas
 Triumphar hão de sempre os meus projectos
 Se audazes filhos seus altos dictames,
 Tentando hum novo ensaio, offender queirão
 No profundo Vulcão d'horrendos males
 Por meu alto poder serão lançados:
 Lá com cego furor quebrar intentem
 A pezada Cadêa, que os ligava
 Marcado seja no prezente quadro
 O Nauta, que do pégo as Indias plagas
 Felizmente aportou, fora dos rumos,
 Tendo no plano seu o vasto Ganges:
 Não foi p'ra gloria ter de grande Imperio
 O nascente Brasil, famoso, e rico:

(*) Olha para dentro.

De Colonia passar não pode , e deve
Como escravo prezar o seu destino :
E se acazo tentar outras veredas ,
Ao pezo esmagador d'horriveis monstros
Eu farei na oppressão , gemendo em ferros ,
Esses filhos crueis da Liberdade ,
Em tetros calabouços sepultados
A par da Independencia escravos sempre.

LIBERDADE.

Inda resta o poder do Globo acima !
Altos destinos me promette o Fado !
Rizonha a Natureza me assegura ,
Que breve mandarão do Olympo os Deozes
Os braços , que na terra o monstro csmaguem !
E farão do Brasil hum Paraizo !
Vê-lo-has tranquillo , prosperando , e forte
Prazenteira abundancia florecendo ,
A Industria , as Artes , a Lavoura , e tudo
Que o Commercio recebe , entrega a Patria !
Não hão de aproveitar teus feros planos. . .
Nem da Victoria colherás a palma. . .
Seria anniquillar a essencia humana ,
Se o crime desse Leis a hum Povo livre !!!
Estes ferros serão hoje quebrados ,
Porque Jove me dice entre prazeres
America não foi votada a ferros
Foi votada a Rasão , a liberdade
E tu no Solo meu dar leis pertendes ? !
Vai no Inferno viver entregue as Furias.

DISCORDIA.

As furias são Heróes , que o Mundo cercão.
E sentadas no throno as leis promulgão !
Vê como em Portugal eu rejo , e mando

E tenho ali Vassallos, que m'estimão ;
N'Africa , e Hespanha numerosos cultos :
Se os vís Americanos proclamarão
Sistema , que deslutra a prole minha ,
Castigada verei errante turba
E no prezo Brasil hum throno e rijo.

LIBERDADE.

Teu plano vai cahir com negras côres
» Porque s'involve no seguinte quadro »
Repara que os Vulcões no fundo abismo
Não rebentão sem ter materia immensa ,
Que excite as explosões fataes , injustas :
Espalhando o terror , impera a morte
O filho deixa o Pai , a Espoza foge ,
E os nobres Cidadãos firmando o luto.
Lanção , fugindo horrorizada vista !
N'esse instante infeliz (com magoa o digo)
O Imperio melhor he sonho , he nada !

DISCORDIA.

Como intentas cruel, mudar meus passos
Com côres que a Traição t'impresta, e manda..
De balde pintas tão insano quadro...
Ha de em ferros viver a Liberdade
E a Terra, onde imperar intente ouzada! (*)

SCENA TERCEIRA.

BRASIL.

Inda a pouco soou nos meus ouvidos
Da Discordia infernal horrendas pragas

(*) *A Liberdade retira-se melancolica para a gruta.*

O ditoso Brasil, do Globo esmalte,
 Não deve suportar horrendos males
 He possível caber na idade d'ouro
 Hum Decreto fatal, d'infame norma,
 Que leva ao Cativoiro immensos Povos,
 Tão livres, tão iguaes áquelles mesmos,
 Que tomando da Lei poderes nossos,
 Atropelão Nações nos feitos grandes?
 Encara para mim do Averno o monstro,
 Contempla hum Defensor d'Americanos
 Que protesta vencer, bater os crimes,
 Bem lembrado ha de estar quem quer que seja
 Que o Liberto Brasil, porção mais rica
 Das brilhantes Nações, que o Globo cercão,
 Não foi p'ra escravo ser do Despotismo!..
 Oh! Povos que habitaes, o vasto Imperio,
 Santa Constituição, pune Tirannos,
 Conserva os foros teus, os teus direitos,
 Segura a Liberdade, a Independencia,
 Proscreve d'este solo a tirannia,
 Defende os Cidadãos, que a Patria estimão,
 Salva os bens, a rasão, a vida, a honra,
 E torna o mundo a ser, do Sol Imagem
 Que dá Lustre, e matiz, ao Firmamento.

DISCORDIA.

A belleza dos Ceos, o lindo esmalte
 O Sol, a Lua, eclipsando os astros,
 Doirando a esphera na manhã serena
 Do que valle isto tudo a par do crime
 Eu sei ferros lançar aos meus contrarios,
 Seus passos estorvar, frustrar seus planos,
 Fazer que ao pé do crime os rizo fujão;
 E junto aos mil padrões dos seus passados
 Gemer a Natureza aferrolhada.

Folgar , quando a Rasão delira , e chora :
 Buscando amparo ter no novo Mundo ;
 Massacrar os Heróes , que a Patria adorão ,
 Prender em ferros generosos pulsos ,
 Que a prol da Ley a bem da Liberdade ,
 Redobráo forças com valor prestante :
 Fantasma , que deslustra a gloria minha :
 E quer no Mundo ter o gaz Supremo ,
 Suaveis Leis impôr aos Brasileiros ;
 Quem riscar intentou os meus poderes ,
 E ter hum juz sublime alem do Olimpo ??
 Eu te quero mostrar a quanto chego ;
 Vê como nos grilhões a Deosa vive
 Espera o mesmo fim altivo Nume.

SCENA QUARTA.

Aparece a Liberdade em ferros a porta da Gruta.

BRASIL.

Nunca , monstro cruel , teu throno infame
 N'este ingente Paiz verás firmado !
 Obstaculos sem fim , que tu traçaste .
 Estorvando a carreira magestoza
 De nossas Sacras Leis , que hum Deos affaga ,
 Que vigora , a brilhanta , e apaga o faxo
 Da Discordia infernal , que em crimes folga ,
 Onde impera o feróz Plutão horrendo
 Em throno acêzo de terriveis fogos ,
 Ao lado tendo a tetrica consorte ,
 De negro manto recamada , e cheia ,
 De feias côres , de medonho aspecto ,
 Promulgando a brutal , horrenda Furia ,

Que vá roubar a gloria , os mil thezouros
Que os Povos do Brasil no throno assentão :
Escuta as Santas Leis , que Jove escuda
Em ferros viverás , malvado monstro !
Se Lizia quebra do Hespanhol soberbo
Hum jugo infame que lhe aponta a historia ,
Se do Norte o terrão livre se aclama
Do Britanno poder no golfo immenso ;
Minhas vozes soar , ouve perversa ,
E vê de Jove a justiceira dextra ! (*)

CORO DE NIMPHAS.

<i>Cruel Discordia ,</i>	<i>Folga Brasil .</i>
<i>Do inferno a côr ,</i>	<i>Dos Ceos Imagem ,</i>
<i>Da Patria fuja ,</i>	<i>Que vem soprando ,</i>
<i>O teu furor.</i>	<i>A livre aragem.</i>

DISCORDIA.

Ao medonho clarão de negra tocha
Devo os quadros traçar d'horrendas côres :
Privar que a Liberdade indultos goze,
Trazê-la para sempre ao jugo atada ,
Fundar o Imperio meu nos mil estragos ,
He costume , e dever , que a mim me coube ,
Desde que Jove me lançou do Olimpo
Na feia instancia do Tartareo abismo
Quando em alto festim os sacros Deoses ,
Que o Ceo de Jove mais brilhante tornão ,
(Sem de novo pintar questão horrenda
Que a propria Juno enxovalhara a muito),
Quando Paris tentou da linda Venus ,
As ditas desfrutar , a par de Jove ,

(*) *Vai á Gruta e tira da Liberdade os ferros que des-
pedaça.*

Co' a mesma rapidez , e ligeireza
 Que attento Caçador desfeicha o tiro
 O pomo , que eu lancei , servio de base
 Para expulsa viver , entregue a Pluto :
 Eu sou cruel Discordia , que de bella
 No centro do furor a fama , a gloria :
 Nunca os males crueis no Mundo parem ;
 Em quanto fero bruto as garras lança
 Junto a Thicio infeliz lhe come entranhas ,
 E a roda de Ixion , rolando volta
 Ao mesmo monte d'onde , sobe , e desce :
 Tantalo supportando a sêde , a fome ,
 Supporta o que não pode a especie humana ,
 Por mais que a Mão dos Tempos lhe prepare
 Nunca pôde soffrer pezares tantos :
 Inda a pouco brotou meu fel a morte
 Lá onde aquelle campo em flores brota :
 Padrões , que os Numes levantar puderão ,
 Derrubar intentei , tragar não pude ,
 Dando pasto , e furor as Socias minhas.

LIBERDADE.

Tentavas proscrever a Liberdade !..
 E te-la para sempre em ferros preza . . .
 Tu não tens no Brasil , nem te-lo podes
 Celsos poderes , que de Jove manão !
 Impressos vivem nos Padrões da Historia ,
 Que a paz segura de Laureis cercada
 Com sorriso (me diz) ufana exulta
 E junto ao lado teu , vozes soltando ,
 Viva a Constituição , a Patria Viva.

BRASIL.

Devo a bem da Nação , cumprir afoito ,
 O que a bem do Brasil , protesto , e juro ;

E aquelle que fogaz, altivo queira
Oppor-se d'este Povo a independencia
(E trema de o dizer) . . . Tartareas Furias
P'ra sempre fugirão dos nossos lares !
Deu-se esmalte á Rasão , premios á Patria !
Quem contra a Liberdade ousar bater-se
Ja liberta ella existe , ao Campo corra !

DISCORDIA.

Afim de me vingar , as armas tenho ,
Projectando ensopar no quente sangue
Aguçado punhal , que a dextra leva
P'ra no peito cravar da Liberdade :
Essa dos Povos mil , inutil sombra
Que banida do Globo , a mim sugcita ,
Hum grito dar não pode , em pranto vive ,
É antes que a Aurora espalhe a luz Phebea
Hum grito soltarei ao Mundo inteiro
Vassallos de Plutão , viganças peço
Em ferros preza a Liberdade chore. (*)

LIBERDADE.

Do teu fero Senhor os crimes todos
Vai no Averno buscar , e os seus Decretos ,
Que eu vou agora ter de Jove as Graças ,
E deixa que o Brasil prospere , exulte !

DISCORDIA.

Eu te deixo , cruel , eu parto , e corro
Nos infernos buscar auxilios novos
Para o throno firmar seguro , e limpo

(*) *Sahem as furias da Gruta , e encaminhando-se para a Liberdade são sepultadas pelo interior da terra.*

D'essa peste fatal , que o Globo innunda
Então me vingarei dos meus contrarios.

SCENA ULTIMA.

Some-se a Discordia ao som de trovões , e de immensos raios que cahem , e toda a Scena se transforma no Templo da Immortalidade , onde se verão os seguintes quadros.

Do lado direito o Dia 7 de Setembro como resurgindo do centro celeste com hum penna , e por baixo da qual se verá o nome de José Bonifacio d'Andrada e Silva.

Do lado esquerdo o Dia 4 de Julho de 1776 resurgindo do centro celeste com huma espada , e debaixo da qual estará o nome de Washington , e no meio d'estes quadros o do Imperador Dom Pedro II. com huma Corôa de Café , e Fumo.

A Scena achar-se-há toda guarnecida de Nymphas Brasileiras.

O Genio Brasileiro desce das nuvens com a Bandeira e duas Corôas de flores , encaminhando-se para o Retrato do Imperante recita os seguintes versos depois do

CORO DE NIMPHAS.

*Triumphe o Nune
Do Rico Imperio ,
A Liberdade
No Throno etherio*

*Fuja a traicão
D'Aureo Brasil ,
O Monstro acabe
Cruento e vil.*

GENIO BRASILEIRO.

E Tú oh ! Numen , que o Brasil adora ,
Preza as virtudes , que os Heróes te off'recem ,
Não deixes basejar , a vil perfidia ,
Teu Sceptro , e Crôa , que offertar-te podem ,
Apar da Liberdade a Fama , a Gloria
Venturosa à Nação , que sabia , e justa ,
Evita os quadros mil , do Despotismo ,
Ella será do Olympo , a firme copia ,

E Jove que o Brasil, do abismo o salva,
Estas vozes soltou, no Sul, e Norte,
* Razão Justiça, Independência ou morte. (*)

(*) O Genio n'esta occasião Corôa a Liberdade e o Numo Tutellar do Brasil, e faz tremular o Pavilhão Nacional.

FIM.

~~~~~

A Patria em 1831 olhando  
para 1822.

—•••••—

He p'rigozo soltar meu Estro ouzado ,  
Quando a Patria Nação off'rece ao Globo  
Novos quadros , que a Lei reprova , e risca ;  
Nem soffre que o Poder , com dextra armada ,  
No seu vasto recinto , irado toque ;  
Compete em temporal ao rijo Nauta ,  
Os mares afrontar , salvando a vida ,  
Em noite de pavôr , que raios vibra ,  
Já sobre a Náo pendente , entregue aos ventos.

Eis-me em meio do crime , e da virtude ,  
Encarando o terror , da atroz calumnia ;  
E vendo a sam virtude atropellada ,  
N'este horrivel painel , de negras côres ;  
Vejo o Monstro infernal , d'aspecto horrendo ,  
Colhendo d'entre horror do escuro Averno ,  
Somente adulator , perjuro , infame.

A Patria , que offuscou de Roma o brilho ,  
Só curte , em desprazer , tristonhos dias ,  
Que a Discordia brutal está traçando ,  
Para o mando empolgar na Patria minha !!!  
Já de Bueno não vejo a sombra amiga ;  
Nem encontro o fulgor do Fhebeo Nume ,  
Que dourava a extensão de hum Povo livre :

Tudo murcha o fatal , horrendo Monstro ,  
Que só folga em traições , em crimes folga.

Serenas virações , soprando espalhão ,  
Negros vapores que em lutavão Iris  
Oh ! que Campo immortal Jove apresenta ,  
Tendo em alto Padrão gravado o Dia ,  
De Setembro o sete , para a Patria honrozo ;  
Em vinte dois segura Astro brilhante ,  
Que a Luz encrava no Piranga ameno ;  
E para confusão de horriveis Monstros ,  
Erga-se o Pano , e seus contrarios olhem.

Lá vejo preparada Esquadra immensa ,  
Arrostrando o furor da Luza força !  
E tendo ao bordo seu Mavorsios peitos ,  
Que Cockrane animava em altos brados ;  
Sabendo com valor mandar ao Lethes  
O Monstro , que insultava a Independencia !

Já sobre o Maranhão tremula ovante  
Bandeira , que firmou a Liberdade !  
Militares Herões á Patria derão  
Exemplos de Heroismo ao Mundo inteiro !  
Marchava de laureis na frente sua  
Labuatut immortal , que igual á Jove  
As Furias sepultou no Cahos infando !

Adoptivos Varões , tambem fizeram ,  
Aprol da Independencia , bons serviços ,  
Offertando á Nação Baixel (\*) soberbo !

Não me esqueço dos Limas , que souberão  
As Luzas Legiões mandar os tiros !

---

(\*) *Alguns Brasileiros adoptivos, Negociantes do Rio de Janeiro, offerecerão huma Fragata para sustentar a Independencia do Brasil.*

Nem tão pouco ao Heróe , famoso Taylor,  
Que soube defender Brasilia Povo !

Se Nobrega morreo, na Patria vive  
Seu nome escripto , em corações gravado !

Magestozo Edificio auribrilhante ;  
Sabia Constituinte, eu te saúdo  
Memoria eterna, na Brasilia Historia !

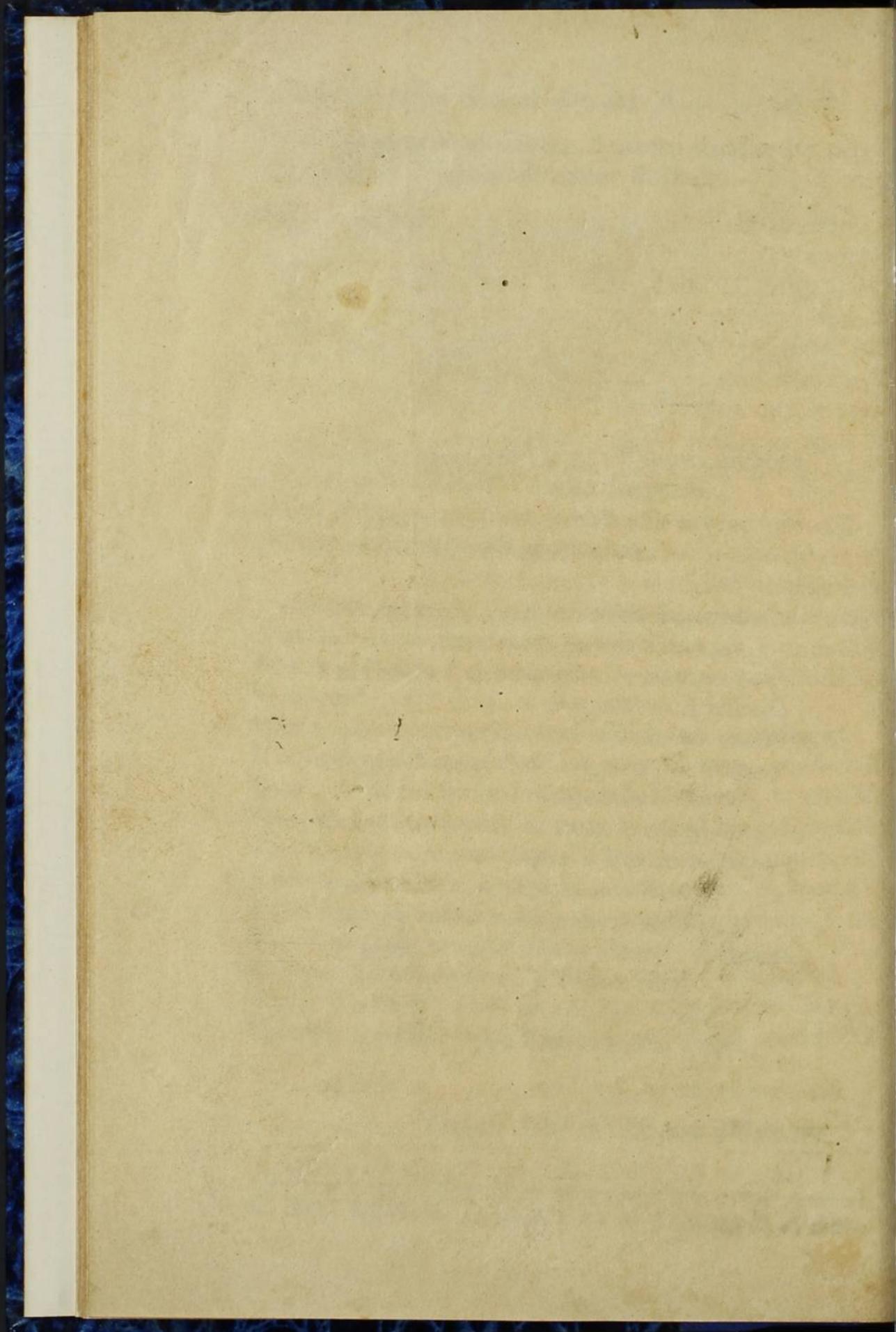
Oh ! Thezouro sem par ! Martin off'rece !  
Depois de soccorrer o vasto Imperio ,  
Deixa o Erario pejado , e rico d'ouro ,  
Afrontando rivaes da gloria sua !

Eis em meio do Povo o Velho honrado ,  
Que faz ver ás Nações da antiga Europa ,  
Que seu Patrio Paiz manda , e nao serve !  
O Grande , o Sabio , o Magestoso Andrada ,  
Que soube o Imperio unir n'hum só momento ;  
E a Independencia alçar segura , e firme ,  
Que a Caterva brutal rangendo o dente ,  
Não pôde com punhaes inda arranca-la ,  
Dos ternos corações , que a Patria adorão ;  
Pode inveja feroz , ardendo em iras ,  
Pode ingrato infiel robar-lhe a vida :  
Mas não pôde roubar-lhe a Fama , a Honra ,  
Porque Jove bradou , a Fama dice  
Abri , Verdade , abri teu aureo Cofre  
No serio ponto , que illusões não soffre.

*Gaspar José de Mattos Pimentel.*

A despeito de um possível estilo teatral,  
os versos são bonitos. O assunto pa-  
trístico e edificante! Tempos felizes  
em que o teatro empolgava e servia  
a fins nobres e educativas!

Marques de Santos





16135

